



A COMPREENSÃO DO CONCEITO “ESTEREÓTIPOS” PELA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Beatriz Lopes Dib e Vinicius Pereira de Sousa

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O repertório comportamental humano é constituído a partir da relação do indivíduo com o ambiente, e a cultura é um dos fatores de seleção do comportamento humano. Apesar das propostas de Skinner que defendem a relevância do behaviorismo para compreensão da cultura, os cientistas comportamentais defendem que a Análise do Comportamento ainda precisa avançar nos estudos sociais. O presente artigo busca discorrer sobre o conceito “estereótipos” sob a ótica behaviorista, defendendo a relevância do comprometimento dos cientistas comportamentais na compreensão das práticas culturais de opressão e na proposição de estratégias de transformação dessas práticas. Reconhecemos os estereótipos como parte de um “sistema de crenças” que justificam e mantêm as relações de opressão entre os grupos sociais, funcionando como um aviso prático sobre os sujeitos; tais “crenças” não são naturais, mas parte do repertório operante aprendido por indivíduos enquanto parte de um contexto social. Os estereótipos são regras normativas, que descrevem as possíveis contingências e são definidos a partir de relações derivadas entre estímulos. Identifica-se o potencial da Análise do Comportamento na compreensão do fenômeno, assim como em possíveis intervenções que transformem a função dos estímulos desenvolvida via estereótipos, trazendo luz à potencialidade da área em compreender e lidar com problemas sociais complexos, tal qual o preconceito e as relações de opressão.

Palavras-chave: estereótipos; análise do comportamento; questões sociais; comportamento verbal



ABSTRACT

The human behavioral repertoire is shaped by the interaction between the individual and their environment, with culture being one of the factors that select human behavior. Despite Skinner's proposals advocating for the relevance of behaviorism in understanding culture, behavioral scientists argue that Behavior Analysis still needs to progress in its study of social phenomena. This article aims to discuss the concept of "stereotypes" from a behaviorist perspective, emphasizing the importance of behavioral scientists' commitment to understanding oppressive cultural practices and proposing strategies for transforming such practices. We recognize stereotypes as part of a "belief system" that justifies and sustains oppressive relationships between social groups, functioning as practical warnings about individuals. These "beliefs" are not innate but rather part of the operant repertoire learned by individuals within a social context. Stereotypes are normative rules that describe potential contingencies and are defined based on derived relations between stimuli. The potential of Behavior Analysis in understanding this phenomenon is highlighted, as well as its possible interventions aimed at transforming the functions of stimuli shaped through stereotypes. This underscores the field's capacity to address and engage with complex social issues, such as prejudice and oppressive relationships.

Keywords: stereotypes; behavior analysis; social issues; verbal behavior.



1. INTRODUÇÃO

A Análise do Comportamento é uma abordagem científica que compreende o comportamento humano a partir de uma perspectiva relacional. O repertório comportamental humano é constituído a partir da relação do indivíduo com o ambiente, sendo um produto de sua história filogenética, ontogenética e cultural (SKINNER, 2003). A história filogenética corresponde ao produto da seleção natural nas bases biológicas dos indivíduos: os genes, anatomia e fisiologia, os reflexos incondicionados e as contingências de sobrevivência da espécie (SKINNER, 1974). A ontogênese, por sua vez, diz respeito ao repertório comportamental produzido a partir do histórico de reforçamento do indivíduo. E a cultura, por fim, pode ser compreendida como o “conjunto das contingências sociais de um grupo” (ANDERY, 2011), composta “de todas as variáveis que o afetam [indivíduo] e que são dispostas por outras pessoas” (SKINNER, 2003).

Andery (2011) discorre que a cultura caracteriza-se a partir das interações entre os indivíduos, ou seja, composta por contingências comportamentais entrelaçadas e pelos produtos de tais entrelaçamentos; estas características demonstram o quanto a cultura diz respeito ao comportamento humano, tanto como produto como também produtor de tais repertórios. A cultura envolve uma série de práticas (que dizem respeito a fenômenos comportamentais) que são mantidas ao longo de gerações de indivíduos, uma vez que tais práticas são mantidas por suas consequências (para os indivíduos e para o grupo como um todo) e são ensinadas aos novos membros do grupo.

A partir dessas considerações, Andery (2011) destaca a relevância do estudo de fenômenos culturais e sociais para a Análise do Comportamento, dando ênfase à validade dos fenômenos culturais enquanto objeto de estudo da área. Assim, certamente há um imenso potencial da Análise do Comportamento nas áreas sociais - no entanto, esse potencial ainda necessita de maior atenção. De acordo com Todorov (2004), embora tal temática seja importante e envolva os analistas do comportamento em diferentes níveis (tanto pessoais como profissionais), o foco dos profissionais da Análise do Comportamento tem sido muito maior na identificação e resolução de problemas no nível individual e deixando de lado o efeito das variáveis sociais sobre o repertório do indivíduo - como se fosse possível realizar tal separação.



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Apesar dos notáveis avanços da ciência comportamental em relação aos estudos sociais, “o reconhecimento dos fenômenos sociais como objeto de estudo da análise do comportamento não é suficiente para que tais fenômenos sejam adequadamente abordados” (ANDERY, 2011). Aponta-se a importância da ampliação das pesquisas na área e, principalmente, do comprometimento dos cientistas comportamentais em elaborar revisões conceituais dos fenômenos, a fim de compreendê-los à luz do behaviorismo radical.

Skinner (1971), ao defender a importância de produzir-se uma tecnologia comportamental que colaborasse com enfrentamentos aos problemas humanos, indigna-se com a negligência em considerar os avanços científicos como contribuidores para a resolução de diferentes problemas humanos, incluindo em nível social. Segundo o autor, recorrer a concepções internalistas como liberdade, dignidade, autonomia e individualidade para compreender e explicar os problemas cotidianos, as práticas culturais são muitas vezes negligenciadas, mascarando então o papel das variáveis sociais na formação do repertório humano e dificultando ações para modificá-las quando necessário (SKINNER, 1971).

Skinner (1971) demonstra sua insatisfação com o estado do mundo e discorre sobre os impactos irreversíveis e imprevisíveis da ação humana. O autor destaca que encontramos-nos distantes da “compreensão dos problemas humanos [...] e de evitarmos a catástrofe para a qual parece caminhar inexoravelmente o mundo” (SKINNER, 1971). Nesse sentido, defende a importância da compreensão do comportamento humano em sociedade a partir dos conhecimentos construídos pela ciência do comportamento, possibilitando a elaboração de uma tecnologia do comportamento que guie a humanidade.

Portanto, a ciência comportamental deve avançar na exploração de fenômenos sociais, compreendendo, descrevendo, conceituando e revisando-os. O presente artigo busca discorrer sobre o conceito “estereótipos” sob a ótica behaviorista, defendendo a relevância do comprometimento dos cientistas comportamentais na compreensão das práticas culturais de opressão e na proposição de estratégias de transformação dessas práticas. Pesquisas como esta são necessárias para que os estudos sociais em Análise do Comportamento sejam ampliados e, além disso, sejam estruturadas as bases teóricas necessárias para a compreensão dos complexos fenômenos sociais.

Andery (2011) reconhece que outras áreas, externas à análise do comportamento, produzem “conjuntos de dados que auxiliam o analista do comportamento a contatar e



interpretar os fenômenos sociais ou culturais” (ANDERY, 2011). Portanto, o diálogo com outras áreas do conhecimento pode contribuir para compreensão destes fenômenos, e recorreremos à Psicologia Social para dar luz às interpretações behavioristas.

Dentre os diferentes fenômenos sociais estudados por outras áreas do conhecimento, este artigo dará ênfase ao que tem sido denominado como “estereótipos”. Tajfel e Turner (1979) definem os estereótipos como “crenças generalizadas que caracterizam os atributos pessoais de membros de um grupo social” (TAJFEL; TURNER, 1979), sendo formados a partir da categorização social e divisão social de grupos. Uma colocação importante dos autores é que os estereótipos podem funcionar como recursos que visam deixar o ambiente social menos complexo, criando possíveis previsibilidades: a partir da atribuição de qualidades (positivas ou negativas) às pessoas de certos grupos, um indivíduo modula suas ações (aproximações, rejeições, etc.) para tais pessoas mesmo sem uma experiência direta ou suficiente com a pessoa em questão. Aqui, percebe-se que os estereótipos implicam em regras para o comportamento, a partir de estímulos determinados pelas categorias e grupos sociais.

Devine (1989), por sua vez, discute sobre os estereótipos como um fenômeno inconsciente, ativado automática e involuntariamente sobre o indivíduo. Apesar de o estereótipo ser conceituado como um fenômeno que não é relacionalmente direcionado com os estímulos ambientais, a autora destaca que, ao serem ativados, os estereótipos passam a controlar o comportamento do indivíduo nas próximas interações sociais.

Ambos estudos ressaltam uma característica central dos estereótipos que podem ser interpretadas à luz da ciência comportamental: os estereótipos são regras que controlam o comportamento, determinando como o sujeito deve agir em relação ao estímulo presente no ambiente. Para a Análise do Comportamento, regras podem ser vistas como estímulos verbais que descrevem quais ações uma pessoa deve tomar em determinados contextos (SOUSA; MIZIAEL; de ROSE, 2022), definindo “o que deve ser” (REESE, 1989). Reese (1989), ainda, esclarece que conhecer uma regra implica em “ser capaz de se comportar de acordo com a regra” (REESE, 1989).

Reese (1989) ressalta que as regras normativas são mandos. O mando é um tipo de comportamento verbal que “especifica o seu reforço” (SKINNER, 1904), podendo ser um pedido, solicitação ou uma ordem. No caso dos estereótipos, os mandos orientam o



comportamento daqueles que entram em contato com o estímulo. Nesse sentido, o estereótipo é um aviso prático sobre os sujeitos que é reforçado socialmente, controlando o comportamento dos indivíduos.

Sob outro prisma, definições recentes produzidas pela Psicologia Social definem os estereótipos como:

representações cristalizadas sobre um grupo social, esquemas culturais preexistentes, imagens fictícias que expressam um imaginário social. Em alguns trabalhos da área, o caráter negativo dos estereótipos se liga justamente aos processos de generalização do real, que o simplificam, produzindo uma visão esquemática e deformada que favorece a emergência de preconceitos (BRUNELLI, 2016)

O debate sobre as diversas formas de preconceito e opressão possibilitam o reconhecimento da influência ideológica dos estereótipos. Brunelli (2016) explicita que os estereótipos podem justificar a opressão entre grupos, desigualdade social e relações de poder. Nesse sentido, percebe-se que os estereótipos servem como uma forma de planejamento cultural que tem como base os valores e normas do sistema político-econômico vigente. Isto é, com os sistemas de crenças estabelecidos pela cultura.

Tourinho (2009) destaca que os sistemas de crenças vigentes estão intimamente ligados com a concretização das noções de indivíduo, subjetividade, internalidade, autonomia e liberdade. Nessa visão, os indivíduos comportam-se de acordo com os seus valores individuais, a partir da sua autonomia e liberdade, e suas ações são justificadas a partir de perspectivas mentalistas e internalistas. A Análise do Comportamento, ao opor-se a essas concepções, reconhece que a cultura é central na consolidação do repertório comportamental humano e entende que “consolidamos crenças quando aumentamos as probabilidades de ação através do reforço do comportamento” (SKINNER, 1971). Ou seja, o sistema de crenças é consolidado a partir do reforço social, e também serve como justificativa para as práticas cotidianas. Consideramos, portanto, que os estereótipos são parte de um sistema de crenças que justificam e mantêm as relações de opressão entre os grupos sociais.

O sistema de crenças provê descrições das regras que controlam o comportamento dos indivíduos. Skinner (1974) esclarece que



as consequências descritas ou implícitas em conselhos, avisos, instruções e leis são as razões pelas quais uma pessoa atende a um conselho, presta atenção a um aviso, segue instruções e obedece às leis (SKINNER, 1974)

Ou seja, ao seguir as regras descritas pelo sistema de crenças, os indivíduos são reforçados, negativa e positivamente, e consolidam a resposta de segui-las em seu repertório comportamental. Nesse sentido, os estereótipos podem ser lidos como regras normativas relacionalmente moduladas e socialmente reforçadas, que permitem a manutenção do sistema socio-econômico e as opressões entre os grupos.

A Psicologia Social, considerando seu compromisso com a transformação social e o esforço na compreensão das relações de opressão, produziu diversos estudos sobre estereótipos de gênero, raça e classe. Os estudos voltados aos estereótipos raciais apontam a categorização de pessoas negras vinculadas a características negativas como uma forma de justificação da opressão praticada por pessoas brancas (PEREIRA; ÁLVARO; DANTAS, 2011). Reconhecem que racialização é

um processo discursivo mediante o qual a adscrição a um grupo fenotipicamente homogêneo é acompanhada da hierarquização dos grupos humanos, baseados na crença da dominação social de uns grupos por outros e na formulação de juízos negativos sobre os grupos racializados. (PEREIRA; ÁLVARO; DANTAS, 2011)

Exploram, também, a questão de gênero relacionada aos estereótipos. D'Amorim (1997) reconhece que os estereótipos são decisivos na construção dos papéis sociais. Conceitua o estereótipo de gênero, portanto, como um “conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas” (D'AMORIM, 1997).

Na Análise do Comportamento, os estudos sobre preconceito racial avançaram significativamente, reconhecendo uma íntima relação entre o preconceito e os estereótipos (MIZAEL; de ROSE, 2017). Mizaél e de Rose (2017) conceituam estereótipos como um conjunto de crenças que, ao serem atribuídos para grupos ou indivíduos, justificam “atitudes, comportamentos e diferenças nos grupos sociais” (MIZAEL; de ROSE, 2017). Entende-se, portanto, os estereótipos como características atribuídas a um determinado grupo de



pessoas, correspondendo a conceitos verbais que são reforçados socialmente quando associados a eles.

Com relação à compreensão da Análise do Comportamento sobre os estereótipos, é essencial discorrer sobre sua formação e aprendizado. Recorremos, portanto, ao paradigma de equivalência de estímulos e à Teoria das Molduras Relacionais (RFT).

O paradigma de equivalência de estímulos compreende a formação de classes de estímulos equivalentes entre si, a partir do pareamento arbitrário entre eles. A formação das classes de equivalência é arbitrária porque, apesar de os estímulos não apresentarem “nenhuma relação de semelhança física ou natureza” (SOUSA; et al., 2024), são relacionados condicionalmente em relações de reflexividade ($A = A$; $B = B$; $C = C$), simetria ($A = B$; $A = C$) e transitividade (se $A = B$ e $A = C$, então $B = C$). Observa-se, portanto, que não é necessário um treino para aprender que $B = C$, pois a equivalência de A e B e A e C agrupa os estímulos em uma mesma classe. O paradigma de equivalência de estímulos permite, portanto, “compreender como os seres humanos conseguem responder a novos estímulos no mundo sem necessidade de experiência prévia com eles” (SOUSA; et al., 2024).

A Teoria das Molduras Relacionais (RFT), expandindo a compreensão da formação de classes de estímulos, inclui a concepção de que é possível “criar ou derivar redes além da coordenação ou equivalência” (MIZAEL; de ROSE, 2017). Nesse sentido, respondemos relacionalmente “sob controle da relação entre dois ou mais estímulos” (SOUSA; et al., 2024), formando relações derivadas entre eles. Essas relações podem ser formadas a partir da comparação (felicidade é *melhor* que tristeza), oposição (branco é o *contrário* de preto), temporalidade (o Natal é *antes* do Ano Novo), espacialidade (a TV fica *em frente* ao sofá), hierarquia (ricos são *superiores* aos pobres) causalidade (se beber, *não* dirija) e perspectivas ou relações dêiticas (*eu* e *você*) (SOUSA; et al., 2024).

A partir da compreensão da formação de classes de estímulos pelo paradigma de equivalência de estímulos e pela RFT, observamos que diversas relações arbitrárias, estabelecidas e reforçadas socialmente, produzem os estereótipos. Estímulos como “mulher brasileira” são arbitrariamente relacionados com o estereótipo de “objeto sexual” (TAMBKE, 2013), ou que um homem que possui comportamentos lidos socialmente como femininos é lido socialmente a partir do estereótipo “afeminado” ou “gay” (ALMEIDA, 2011). O estímulo



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

branco (estímulo A) é associado à paz (estímulo Z), enquanto o estímulo da cor preta (estímulo B) é associado à morte (estímulo Y). A morte é associada à violência (estímulo Z). Logo, a cor preta é associada à violência ($B = Y$; $Y = Z$ e, logo, $B = Z$). Além disso, também aprende-se pelas relações de *oposição*, que o branco é *oposto* ao preto, pela relação de *comparação*, como o homem é *mais forte* que a mulher; pela relação de hierarquia em que o rico é *superior* ao pobre; entre outras.

Nesse sentido, os estereótipos são aprendidos a partir de diversas relações arbitrárias estabelecidas entre estímulos. Essas relações determinam como um estímulo, que pode ser uma resposta ativa do sujeito ou suas características físicas, será compreendido pela sociedade. Mais que isso, esse estereótipo serve como uma regra, determinando qual será a resposta dos sujeitos que interagem com quem possua características estereotipadas.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O presente trabalho realizou uma revisão sistemática sobre pesquisas na área da Análise do Comportamento que discorrem sobre o conceito “estereótipo”, analisando como esse conceito é compreendido a partir da perspectiva behaviorista. Para tanto, foram levantados artigos localizados a partir das palavras-chave “estereótipos”, “estereótipos e análise do comportamento”, “comportamento governado por regras e estereótipos”, “equivalência de estímulos e estereótipos”, e o equivalente na língua inglesa. Essas palavras-chaves foram pesquisadas nas seguintes bases de dados: “Google Acadêmico”, “SciELO”, “Wiley”, “Sciendo”, “Periódicos CAPES” e “Psycinfo”. Considerando o baixo número de artigos encontrados inicialmente, também foi feita uma busca a partir das referências bibliográficas dos artigos e monografias encontradas sobre o tema.

O critério de inclusão dos artigos consistiu em artigos publicados nos últimos 10 anos, escritos em português ou inglês. Para inclusão dos artigos, foram lidos o título, resumo, palavras-chave e a introdução, a fim de verificar que os artigos abordavam conceitos da Análise do Comportamento e, também, o conceito “estereótipos”.

Já os critérios de exclusão foram: monografias, textos repetidos, artigos pagos e escritos antes de 2014. Além disso, também foram excluídos artigos que não abordavam conceitos da Análise do Comportamento ou que não tratavam sobre o conceito “estereótipos”.



Foram levantados 7 artigos que correspondem com os critérios da pesquisa. Dentre eles, 4 foram encontrados na busca realizada nas bases de dados, enquanto 3 foram encontrados a partir da revisão das referências bibliográficas de todas as monografias e artigos encontrados sobre o tema.

Com base na leitura dos artigos, foi feita a análise com base na categorização dos principais pontos e conceitos dos artigos selecionados pelo estudo. Nesse sentido, os estudos foram analisados a partir das seguintes categorias: (1) Conceituações e ferramentas de análise, (2) Termos correlatos, (3) Paralelos com a Psicologia Social e (4) Menções sem conceituação. As informações levantadas nos textos não foram excludentes ou exclusivas em cada categoria.

CONCEITUAÇÕES E MÉTODOS DE ANÁLISE COMPORTAMENTAIS

A categoria que diz respeito às conceituações feitas sobre “estereótipos” com base na perspectiva behaviorista e ferramentas de análise comportamentais demonstrou que a Análise do Comportamento possui diversos métodos que podem ser utilizados para a compreensão dos fenômenos sociais, assim como os estereótipos. Mizael e de Rose (2017) esclarecem que o paradigma de equivalência de estímulos oferece uma ferramenta importante para a compreensão dos fenômenos envolvidos nos estereótipos sociais. O paradigma de equivalência de estímulos oferece uma compreensão de como relações arbitrárias, preconceituosas em si, são criadas. O paradigma possui um “potencial generativo” e, a partir dele, observamos relações que não foram treinadas previamente emergindo pelas relações entre os estímulos. Considerando o paradigma de estímulos, é possível aprender relações como “negro = inferior” ($A = C$) pela equivalência dos estímulos “negro = pobre” ($A = B$) e “pobre = inferior” ($B = C$) (MIZAE; de ROSE, 2017). Ou seja, a relação negro-inferior não precisa ser treinada diretamente para ser aprendida, constituindo um caráter arbitrário dos estereótipos.

Além disso, os autores também discorrem sobre a Teoria das Molduras Relacionais para explicar os preconceitos. A RFT permite a compreensão das criações e derivações de classes de estímulos por oposição, comparação e por relações bidirecionais. Essa ferramenta permite ampliar a compreensão sobre a formação das relações condicionais e, além disso, dos fenômenos sociais como os estereótipos e o preconceito. Sickman et al. (2023) também reconhecem a potencialidade da RFT para a compreensão dos estereótipos

de gênero. No entanto, exploram outras ferramentas da análise do comportamento, como o IRAP, a Relational Density Theory (RDT) e a Multidimensional Scaling Procedure (MDS).

Enquanto Mizael e de Rose (2017) exploram o viés racial, religião, questões de gênero, relações culturalmente estabelecidas, preconceito, os estereótipos sociais, a categorização social e a estigmatização, Sickman et al. (2023) focalizam os estereótipos de gênero. Ambos estudos ressaltam a relevância do IRAP (Implicit Relational Assessment Procedure) para “investigar relações prevalentes em determinados grupos sociais” (MIZAE; de ROSE, 2017) e para compreender a força das relações estabelecidas entre estímulos arbitrários (SICKMAN; et al., 2023). Essa ferramenta foi utilizada em estudos de gênero, vinculados aos estereótipos sociais dos nomes socialmente associados aos gêneros femininos e masculinos. Os autores destacam que estudos que utilizam o IRAP permitem verificar que “o estigma pode ser estabelecido sem o ensino direto de atributos depreciativos a um grupo de indivíduos” (MIZAE; de ROSE, 2017), ressaltando o caráter arbitrário dessas relações. O IRAP permitiu observar a latência de respostas em pesquisas que investigaram as palavras como emocional, sensível e gentil sendo fortemente associadas com descrições femininas e palavras como forte, dominante e lógico sendo fortemente associadas com descrições masculinas.

Sickman et al. (2023), ampliando as possibilidades de compreensão dos estereótipos, apontam a RDT como uma “extensão da RFT que pode permitir a análise de redes relacionais que possuem mais de 4 estímulos da mesma classe” (SICKMAN, et al., 2023). A RDT assume que as relações entre estímulos diferem em tamanho e força, permitindo compreender “como as classes relacionais se organizam” (SICKMAN, et al., 2023). Com base na RDT e utilizando o IRAP, é possível associar as pequenas latências de respostas com fortes relações entre os estímulos.

Outra ferramenta central na pesquisa é o Multidimensional Scaling Procedure (MDS). Essa ferramenta é um “método estatístico de representação de medidas de similaridade ou dissimilaridade entre objetos como distâncias representadas em um espaço geométrico de baixa dimensão” (SICKMAN, et al., 2023). O procedimento permite compreender como se agrupam as redes relacionais, evidenciando quais são as relações coerentes e fortes entre os estímulos verbais. Assim, relações coerentes apresentam distâncias curtas e são mais “prováveis de emergir ao treino relacional” (SICKMAN, et al., 2023).



A partir desse estudo, os autores reconhecem as relações arbitrárias que são estabelecidas a partir das características físicas e também relacionadas a personalidades de homens e mulheres. E, mais que isso, destacam a possibilidade de compreender “o desenvolvimento e a manutenção dos estereótipos de gênero dentro de uma visão construcionista social” (SICKMAN, et al., 2023). Aponta-se que o fator cultural e social é central na consolidação dessas redes relacionais, ressaltando a relevância da “história compartilhada de um condicionamento sociocultural a respeito da binaridade de gênero” (SICKMAN, et al., 2023).

Com relações as conceituações produzidas pelos estudos levantados, Mizael e de Rose apontam os estereótipos como “crenças a respeito de um grupo de pessoas” (MIZAE; de ROSE, 2017), sendo “frequentemente utilizados para justificar atitudes, comportamentos e diferenças nos grupos sociais” (MIZAE; de ROSE, 2017). Destaca-se, aqui, que os estereótipos fazem parte do sistema de crenças consolidado culturalmente, sendo utilizado como uma forma de manutenção das práticas entre os grupos sociais.

Sickman et al. (2023), por sua vez, definem os estereótipos de gênero como “expectativas formuladas a partir de uma visão binária de gênero (homem ou mulher)” (SICKMAN; et al., 2023), que influenciam a percepção dos pares. Além disso, compreendem que as respostas que seguem o padrão arbitrário dos estereótipos são as respostas esperadas socialmente: o estereótipo está de acordo com o que, mais provavelmente, será aceito pela sociedade. O estudo comprova que pessoas de gênero feminino e masculino são associadas com estímulos específicos, tais quais emocional, sensível e gentil para mulheres e forte, dominante e lógico para homens. Além disso, explicita o papel do reforço social na consolidação e aprendizagem dessas classes de estímulos.

TERMOS CORRELATOS

Apesar de nem todos os artigos levantados conceituarem “estereótipos”, observou-se a presença de termos correlatos, que podem contribuir com a compreensão do fenômeno estudado nesta pesquisa. Foram encontrados diversos termos e conceitos presentes nos artigos levantados que possuem métodos de análise teórica e experimental que podem ser replicados e reinterpretados para aprofundar a conceituação do termo “estereótipos” na perspectiva comportamental. Os termos correlatos encontrados foram: preconceito, estigma, papéis sociais, classificações e rótulos.



Mizael e de Rose (2017) destacam que a comunidade verbal estabelece condições para o desenvolvimento e manutenção de padrões comportamentais preconceituosos. Essas respostas, por sua vez, são formadas por categorias verbais que são compreendidas pelo paradigma de equivalência de estímulos e pela RFT, assim como os estereótipos. O mesmo se dá com a análise feita por Alves e Moreira (2020), que compreendem o preconceito e atitude a partir do paradigma de equivalência de estímulos e ao treino utilizando o método Matching to Sample (MTS) que

consiste em apresentar um estímulo modelo, ao mesmo tempo que dois ou mais estímulos de comparação são apresentados, sendo que na presença de um estímulo modelo, entre os dois modelos de comparação, considera-se apenas um, promovendo uma relação condicional entre os estímulos (ALVES; MOREIRA, 2020)

Os autores ressaltam que a categorização social influencia diretamente na exclusão e preconceito e, como alternativa, consideram que os treinos experimentais com base no MTS, produzidos pela ciência comportamental, podem provocar a emergência de novas classes relacionais. Nesses treinos, “apresenta-se alguma relação nova, após uma outra já aprendida, facilitando uma nova formação de classes de equivalência” (ALVES; MOREIRA, 2020). Destaca-se a potencialidade dos métodos behavioristas em reverter preconceitos e atitudes a partir da transferência de função das classes de equivalência de estímulos, o que é confirmado pela pesquisa em questão.

Os papéis sociais, por sua vez, são diretamente relacionados com regras normativas. Assim como os estereótipos, indicam o comportamento adequado no contexto social. Hunziker e Nicolodi (2021) citam, brevemente, os estereótipos relacionados com a noção de feminilidade e masculinidade, esclarecendo que estes “definem socialmente a distinção entre mulher e homem” (HUNZIKER; NICLODI, 2021).

Os autores entendem que essa distinção implica em regras e contingências sociais, regidas pelos papéis sociais determinados pela ideologia do patriarcado. Os papéis sociais, portanto, estruturam o gênero e determinam, historicamente, “a primazia masculina no acesso a reforçadores” (HUNZIKER; NICLODI, 2021). Nesse sentido, percebemos que os estereótipos, que possuem uma função social similar aos papéis sociais enquanto regra



normativa, também definem o acesso a reforçadores de cada grupo social ou indivíduo que passa por um processo de estereotipagem.

As classificações e rótulos, conceituados como “comportamento verbal que descreve padrões de comportamento que são muito frequentes no repertório comportamental dos indivíduos por terem sido consistentemente reforçados” (LAURENTI; LINHARES, 2018) apresentam semelhança com o termo estereótipos devido a noção de regra ou autorregra. Ou seja, os rótulos e classificações, ao descrever as contingências, controlam o comportamento dos indivíduos. São estímulos discriminativos que evocam determinadas respostas socialmente, de acordo com o padrão comportamental rotulado e classificado. Assim como os estereótipos, indicam comportamentos com alta probabilidade de ocorrer.

No entanto, os rótulos são estabelecidos com base na “observação de regularidades comportamentais” (LAURENTI; LINHARES, 2018), e não de maneira arbitrária – tal qual os estereótipos. Observamos, portanto, que há uma diferenciação conceitual importante entre estereótipos e rótulos. Ainda assim, os termos são utilizados como sinônimos na pesquisa, demonstrando a fragilidade conceitual dos termos em questão para as produções científicas.

PARALELOS COM A PSICOLOGIA SOCIAL

Os estudos de Hunziker e Nicolodi (2021) e Laurenti e Linhares (2018) utilizam dos conceitos produzidos pela Sociologia e Psicologia Social para compreender conceitos como patriarcado, dominação masculina e relações de gênero. Apesar de esses artigos não discorrerem sobre o conceito “estereótipos” com base no diálogo interdisciplinar, evidencia-se que a Análise do Comportamento pode evoluir significativamente na compreensão de fenômenos sociais, a partir da revisão de conceitos produzidos pelas ciências sociais.

Por sua vez, Sickman et al. (2023) baseiam-se na Psicologia Social, conceituando o processo de estereotipagem como “estender expectativas de um grupo social para indivíduos membros do grupo” (SICKMAN, et al., 2023). Destacam que esse processo afeta a percepção sobre os sujeitos e como se estabelecem as relações entre as pessoas. Isto é, como “se comportam em frente aos outros” (SICKMAN, et al., 2023).

Além disso, os autores discorrem sobre os estereótipos de gênero, destacando que trata-se de um conceito bem documentado e elaborado pela Psicologia Social. A partir da



articulação entre a área e a Psicologia Social, conceituam os estereótipos de gênero como “suposições ou expectativas formuladas sobre uma visão binária de gênero (homem ou mulher) que influenciam a percepção dos outros a partir dessas categorias sociais” (SICKMAN, et al., 2023).

MENÇÕES SEM CONCEITUAÇÃO

A partir da leitura dos artigos, constatou-se que o conceito “estereótipos”, muitas vezes, é replicado nos estudos sem a devida conceituação. Aponta-se, nesse sentido, um problema epistemológico importante para a Análise do Comportamento. Isto é, como a área pretende ampliar seus estudos para os fenômenos sociais, sem buscar revisões que permitam a compreensão a partir dos conceitos behavioristas?

Hunziker e Nicolodi (2021) citam que os estereótipos relacionados a feminilidade e masculinidade “definem socialmente a distinção entre mulher e homem” (HUNZIKER; NICLODI, 2021). Já Cameoka e Moreira (2021) discorrem sobre o preconceito, destacando que este manifesta-se “na forma de discriminação e estereótipos” (CAMEOKA; MOREIRA, 2021) e que a exclusão social, a desigualdade e a violência são exemplos práticos de como essas práticas concretizam-se no ambiente.

Laurenti e Linhares (2018) apresentam que, devido às práticas culturais de dominação masculina, mulheres são reforçadas quando apresentam “comportamentos consistentes com o estereótipo feminino de delicadeza, sensibilidade, abnegação, passividade e submissão”, ressaltando que “comportar-se em conformidade com esses padrões pode se dar também por reforçamento negativo, tendo como função evitar ou eliminar eventos aversivos sociais”. Destacamos, portanto, que o reforço de seguir uma regra, tal qual o estereótipo, pode ser negativo. Ou seja, consista em uma resposta reforçada para evitar entrar em contato com estímulos aversivos. O artigo também reflete sobre estereótipos nas descrições sobre os professores abusadores, apresentando categorias como “pinta de galã”, “pegadores”, “queridões”, “desconstruídos”, “sérios” e “conservadores” (LAURENTI; LINHARES, 2018).

Os artigos em questão, no entanto, não aprofundam-se em nenhum momento no conceito “estereótipos”, apesar de ser um conceito evidentemente relevante nos temas que discorrem. O estudo realizado por Cameoka e Moreira (2021) destaca-se pela grande



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA

similaridade entre os objetos teóricos utilizados para a análise feita acerca do preconceito racial e com os levantados pelo presente estudo para compreensão dos estereótipos. Os autores discorrem sobre o paradigma de equivalência de estímulos, o efeito da aprendizagem dessas relações nas atitudes humanas e estudos que “buscaram reverter classes de estímulos equivalentes relacionadas a preconceito”. Isto é, objetos teóricos que possuem uma clara relação com os estudos voltados aos estereótipos, porém com outro foco temático.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou compreender como a Análise do Comportamento explora o conceito “estereótipos”, a partir de uma revisão bibliográfica. A partir disso, podemos descrever os estereótipos como crenças e expectativas em relação a um grupo de pessoas, que influenciam como os indivíduos serão percebidos em seu ambiente. Confirmou-se que os estereótipos são formados por meio de relações de coordenação ($A = B$; $B = C$; $C = D$) e também por outras relações derivadas, como de comparação e hierarquia ($A > B$; $B < A$). Os estereótipos mantêm-se e são aprendidos a partir de descrições de contingências, e também pelo reforço social de seguir comportamentos esperados socialmente. Esse reforço, por sua vez, pode ser tanto positivo, quanto negativo. Ou seja, o indivíduo também pode seguir a regra para fugir ou esquivar-se de consequências aversivas (R-).

No entanto, observou-se que as pesquisas discorrem pouco sobre como os estereótipos devem ser compreendidos como comportamentos governados por regras, que controlam o comportamento humano. Compreendemos, nesse estudo, que os estereótipos são regras normativas, que descrevem como o indivíduo deve se comportar frente aos estímulos arbitrariamente relacionados com os estereótipos. Destaca-se, portanto, a necessidade de mais pesquisas que explorem a noção do fenômeno enquanto uma regra social, observando os efeitos desses estereótipos no comportamento dos pares sociais.

Em outro sentido, a pesquisa também buscou a compreensão de como os estereótipos interseccionam-se com as questões estruturais e sistêmicas. Isto é, com o sistema de crenças que justifica as opressões de classe, gênero e raça e permite a manutenção do sistema socioeconômico vigente. Percebeu-se, nesse sentido, que os estereótipos revelam uma forma de organização da cultura que é baseada na classificação



social em grupos, definindo papéis sociais para os indivíduos e determinando como esses grupos acessam os reforçadores presentes no ambiente.

Ou seja, os estereótipos definem não só como os indivíduos serão *vistos* no ambiente social, mas também quais reforçadores esses indivíduos poderão acessar, de acordo com os estereótipos vinculados à eles. Apontamos, então, para a necessidade de ampliar o diálogo sobre o tema e compreender mais especificidades do fenômeno. A análise demonstrou uma escassez de estudos da Análise do Comportamento sobre a temática “estereótipos”, o que foi revelado pela baixa amostra de artigos nos últimos 10 anos e, também, pela considerável fragilidade conceitual do fenômeno nas pesquisas.

Nesse sentido, revela-se que a Análise do Comportamento, enquanto ciência implicada no enfrentamento dos problemas humanos, deve ampliar os estudos sobre estereótipos. Sugere-se pesquisas voltadas à compreensão de como os estereótipos afetam as contingências sociais em instituições e agências de controle, considerando variáveis como gênero, raça e classe.

Além disso, ressalta-se a necessidade de quebrar barreiras epistemológicas entre as diversas áreas do conhecimento. Reconhecemos que a Análise do Comportamento pode fortalecer e ampliar significativamente sua compreensão dos fenômenos sociais, a partir de revisões conceituais pautadas na Psicologia Social. A área oferece um rico repertório sobre a cultura, as relações interpessoais e os mecanismos de opressões grupais, que deve ser utilizado como base para a ciência comportamental dar luz às interpretações behavioristas.

Em seguida, reconhecemos que, por sua vez, a Análise do Comportamento possui métodos de análise e intervenção da realidade extremamente relevantes, que devem ser mais explorados. Para compreensão dos fenômenos, ressaltamos a relevância do paradigma de equivalência de estímulos, da RFT e a RDT. Nesse sentido, é necessária a ampliação das pesquisas com base na RDT, que possibilita a compreensão de redes relacionais mais amplas. Esse método, apesar de pouco explorado na análise dos estereótipos, pode colaborar com pesquisas que explorem o fenômeno em contextos mais específicos, considerando a complexidade das contingências sociais.

Além disso, os métodos interventivos como o MTS e o MDS permitem não só compreender como são estabelecidas as redes relacionais, como também intervir a fim de



promover a transferência da função dos estímulos. Ou seja, promover intervenções que estabeleçam a transformação da função dos estereótipos e diminuam o impacto do fenômeno no ambiente social. Com isso, o artigo aponta que a Análise do Comportamento pode contribuir com a transformação das práticas culturais, caso aplicada eticamente e com base no compromisso social. Os estudos analisados confirmam esse potencial, que deve ser mais explorado.

Por fim, aponta-se para a possibilidade de que a Análise do Comportamento, ao ser aplicada em contextos institucionais, possa promover significativas transformações no sistema de crenças que justificam as opressões entre os grupos sociais. Assim, consideramos que o alinhamento entre produções científicas e a promoção de intervenções em contextos institucionais pode colaborar com o enfrentamento das relações de poder, aumentar o acesso a reforçadores aos sujeitos historicamente oprimidos, combater a desigualdade social e promover soluções efetivas para os problemas humanos.

4. REFERÊNCIAS

- ALVES, K.; MOREIRA, M. Formação de classes de equivalência frente a atitude em relação a tatuagem no profissional da área médica. *Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)*, 2020.
- ALMEIDA, D. M. "Sou gay, porém totalmente discreto": os estereótipos e a criação do ethos em um site de relacionamento gay. *Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, v. 3, 2011.
- ANDERY, M. A. Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 2, n. 2, p. 203-217, 2017.
- ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N.; SÉRIO, T. M. A análise de fenômenos sociais: esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 1, n. 2, 2005.
- BRUNELLI, A. F. Estereótipos de mulher no discurso de autoajuda. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v.13, n. 2, p. 102-116, 2012.
- CAMEOKA, M. C; MOREIRA, M. B. Preconceito racial: viés na mensuração de atitudes produzido por controle de estímulos. *ACTA Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, v. 29, n. 1, p. 93-112, 2021.
- D'AMORIM, M. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. *Temas psicol.*, v. 5, n. 3, 1997;
- DEVINE, P. G. Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 56, n. 1, p. 5–18, 1989.



HUNZIKER, M. NICLODI, G. O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 17, n. 2., 2021.

LAURENTI, C; LINHARES, Y.. Uma análise de relatos verbais de alunas sobre situações de assédio sexual no contexto universitário. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 9, n. 2, p. 234–247, 2019.

MATOS, M. A. Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 51-66, dez. 2001.

MIZAEL, T. M.; ALMEIDA, J. H. Revisão de estudos do Implicit Relational Assessment Procedure sobre vieses raciais. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, v. 27, n. 9, p. 437-461. 2019

MIZAEL, T. M.; de ROSE, J. C. Análise do Comportamento e Preconceito Racial: Possibilidades de Interpretação e Desafios. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, v. 25, n 3, p. 365-377, 2017.

PEREIRA, M. ÁLVARO, J. DANTAS, A. Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 144-153, 2011.

PEREIRA, M. E. Psicologia social dos estereótipos. *Psico-USF*, v. 7, n. 2, p. 239-240, 2002.

REESE, H. W. Rules and rule-governance: cognitive and behavioristic views. IN: HAYES, S. C. *Rule-governed behavior: cognition, contingencies, and instructional control*. 1 ed. New York: Plenum Press, 1989.

ROCHA, C. A. Análise do Comportamento e Planejamento Cultural: Utopia ou Distopia?. *Universidade Federal de São Carlos*, 2018.

SICKMAN, E.; et al. An exploratory analysis of gender stereotyping using the theoretical framework of relational density theory. *Journal of Contextual Behavioral Science*, v. 28, p. 256-265, 2023.

SIDMAN, M.; TAILBY, W. Conditional discrimination vs. matching to sample: an expansion of the testing paradigm. *Journal of the experimental analysis of behavior*, vol. 37, n. 1, p. 5 - 22, 1982.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Data original de publicação: 1953).

SKINNER, B. F. *O comportamento verbal*. Editora Cultrix, 1978.

SKINNER, B. F. *Para além da liberdade e da dignidade*. Edições 70, 1971.

SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. Editora Cultrix. 1974.

SOUSA, V. P. et al. Respostas operantes sob controle de novos antecedentes: Generalização de Estímulos, Leitura Recombinativa e Relações Derivadas. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 20, n. 1, 2024.



SOUSA, V. P.; MIZAEL, T. M.; de ROSE, J. C. Variables involved in the acquisition and maintenance of racial aggression and its victims' reactions. *Behavior Analysis in Practice*, v. 15, p. 1151 - 1160, 2022.

STRAPASSON, B. A; et al. O isolamento da Análise do Comportamento no Brasil: uma análise bibliométrica. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Paraná, v. 19, n. 1, p. 94-114, 2017.

TAJFEL, Henri; TURNER, John C. "An integrative theory of intergroup conflict". In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. *The social psychology of intergroup relations*. Monterey: Brooks/Cole, 1979.

TAMBKE, E. Mulheres Brasil 40º: os estereótipos das mulheres brasileiras em Londres. *Espaço e Cultura*, n. 34, p. 123-150, 2013.

TODD, J.; MORRIS, E. K. Case histories in the great power of steady misinterpretation. *American Psychologist*, v. 47, n. 11, p. 1441–1453, nov. 1992.

TODOROV, J. C. MOREIRA, M. Análise experimental do comportamento e sociedade: um novo foco de estudo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 1, p. 25-29, 2004.

TOURINHO, E. A produção de conhecimento em Psicologia: a Análise do Comportamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 2, p. 30-41, 2003.

TOURINHO, E. *Subjetividade e Relações Comportamentais*. Paradigma, 2009.

Contatos: beatrizdib00@live.com e vinicius.sousa@mackenzie.br